



### ESTUDOS CÉLTICOS EM RESENHA: ANTIGAS IDENTIDADES, NOVOS PARADIGMAS Ana Donnard<sup>1</sup>

Os *Estudos Célticos* são, por sua natureza própria, multidisciplinares e transnacionais. Proporcionam, portanto, um grande leque de abordagens, desde a antiguidade até a modernidade, sabendo-se que a marca distintiva em relação às outras disciplinas das humanidades é o fato de que os Estudos Célticos estão intrinsecamente ligados à Arqueologia e à Linguística histórica. Através destes dois campos de saber se redesenha uma nova história antiga da Europa. Todas as metanarrativas históricas estiveram em xeque no final último século. Isso nos obriga a rever com honestidade a tradição historiográfica ocidental e, nela, a predominância dos estudos grego-romanos. Nestes tempos de mudanças tão inusitadas, de redes sociais e enciclopédias *wikis* cooperativas, é de se esperar que os cânones – não só os literários – sejam movidos para outras estantes, ampliando os horizontes universitários brasileiros. No que se refere à área de Letras e Linguística, ela, antes de qualquer área das humanidades – como a Arqueologia, a História e as Ciências Sociais, deverá trazer para o interior de seus projetos pedagógicos, se não uma especialização, pelo menos uma disciplina que explique aos jovens estudantes quem afinal de contas são esses celtas e suas línguas. Em lugar de sempre se dizer que “os celtas são muito interessantes, mas não sabemos nada deles”, é preciso começar a conhecê-los.

<sup>1</sup> Professora adjunta do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: <ana.donnard@gmail.com>.



As culturas célticas e suas literaturas representam, desde a Alta Idade Média até os dias de hoje, um bloco coeso e singular do qual sempre se reconheceu uma imagem de certa estranheza e alteridade em relação ao resto da Europa. Uma geografia particular, um fim de mundo tantas vezes evocado pela toponímia e pelos comentaristas gregos e romanos, uma terra distante cheia de mistérios para tantos gregos e romanos, para todos, afinal, que olhavam para o Oeste Atlântico. Por sua vez, este Oeste sempre olhou para o resto do Continente e, apesar de seu isolamento, muitas vezes até mesmo desejado ao longo da história, constituiu-se em uma espécie de resistência surda ao romano, e até mesmo através de uma *romanidade* singular, como a dos Bretões, esses últimos *romanos* lutando por um império agonizante na ilusão de *celticizá-lo*<sup>2</sup>.

Quando falamos Estudos Célticos somos obrigados a falar também de identidade – algo muito sério para um bretão, para um galego, para um irlandês, para um escocês ou para um galês; em suma: nos países de culturas célticas identidade é uma questão cotidiana. Em Portugal se anuncia, finalmente, uma grande acolhida da nova história celto-lusitana, o que sem dúvida poderá trazer novas perspectivas também ao nosso mundo cultural luso-brasileiro. Do ponto de vista linguístico, lembramos a permanência das línguas célticas no Oeste Atlântico: na França a língua bretã e sua história de embates e combates com a cultura francesa. A mesma situação se repete na Escócia e na Irlanda em relação aos ingleses. Estas culturas sobreviveram a séculos de dominação e colonização por forças hegemônicas. Visto que não podemos pensar literaturas de minorias sem

---

2 CASSARD, J.-C. Sur le passé romain des anciens Bretons. *Kreiz – Etudes sur la Bretagne et les Pays Celtiques*, n° 5, Centre de Recherches Bretonnes et Celtiques, Brest, 1996, p. 5-31.

observar o ambiente sócio-político em que se consolidou um longo processo de resistência cultural, nada mais justo do que mencionar o embate travado pelos celtófonos para a preservação de seu patrimônio linguístico e cultural.

### **Arthur dos Bretões – Arthur para todos**

A literatura celto-bretã, desde os seus primórdios, sempre esteve nas margens entre duas nações que se constituíam: a nação francesa e a nação inglesa. Desde o século VI e durante todo o primeiro período medieval, ou seja, desde os tratados de medicina popular e botânica até a estupenda difusão dos contos arturianos, consolidou-se uma literatura oral milenar em compasso, como não poderia deixar de ser no caso bretão, com a literatura escrita. Esta literatura – oral e escrita – ajudou a consolidar um atavismo consistente em relação a uma Bretanha arturiana – a Avalon esperada, a Bretanha de Arthur – o rei justo e cristão dos bretões, para quem reconhecemos um avatar português em Dom Sebastião, ambos na mesma perspectiva histórico-literária-romano-cristã-ocidental. Trata-se da *Matéria da Bretanha* que produziu textos em latim, em francês e em bretão, obviamente, mas também em muitas outras línguas europeias, da Rússia à Escandinávia.

Por ironia do destino de uma cultura, uma vez o mito de Arthur apropriado pelos ingleses, os bretões passaram a fazer parte de um lado obscuro da Britânia ou da Grã-Bretanha – muito poucos autores têm diferenciado esses termos entre a Antiguidade e expansionismo colonialista britânico e ainda muito menos se fala na *internal colonisation* britânica. Arthur, rei dos bretões, emergido das brumas mitológicas celtas no século VI – se usamos o critério filológico clássico, passou a ser visto como rei dos ingleses, no senso comum (creio que ainda assim é; sobretudo para estudantes secundários). E, desde então, as gerações aprenderam a ler o ciclo arturiano pelo ângulo da literatura inglesa com Thomas Malory e pelo ponto de vista da literatura francesa com Chrétien de Troyes, mas, nada contra, muito antes pelo contrário, é exatamente isso que faz do *ciclo arturiano* a maravilha que é. No entanto, o fundo é celta, e isso deve ser levado em consideração para um estudo honesto deste formidável ciclo literário ocidental e para os estudos medievais do Ocidente.

Felizmente, a luta pela preservação da língua bretã está longe de se definir como uma batalha perdida. Ao contrário; a comunicação do Presidente Sarkozy

em março de 2011, durante um encontro com os prefeitos do departamento do *Morbihan* (do bretão: em português “Mar pequeno”) difere substancialmente de sua anterior opinião, no início do mandato, em relação à língua bretã e aos seus representantes. Sabemos que há uma grande ironia do próprio Sarkozy ao lançar a sua proposta, mas o fato é que a roda gira, e agora até mesmo a reunificação da Bretanha poderá ser concretizada, pois, segundo o próprio presidente francês, “basta uma vontade popular”. A região da *Loire Atlantique* fora criada por estratégia do governo parisiense para retirar à Bretanha o seu maior porto – o de Nantes, diminuindo assim consideravelmente o peso econômico e político da Bretanha no cenário nacional francês. A desarticulação identitária também foi visada e, durante décadas, as escolas, os departamentos universitários e as associações culturais bretãs foram vistos como chocadeiras de futuros autonomistas. A teima jacobina parece hoje mais apaziguada ou pelo menos é o que nos deixa entender Sarkozy<sup>3</sup>. Surpreende assistir a isso sob a noção do passado céltico; é como se estivéssemos assistindo ainda hoje o celta e o romano se digladiando, num jogo de identidades que foram obrigadas, e ainda o serão talvez *para sempre*, a conviver em simbiose alternativa – ora celto-romana, ora romano-celta. *Astérix e os Romanos* – o grande clássico das histórias em quadrinhos, ainda é a melhor história *oficial* dos celtas, mas não por vontade deles. Mergulhemos nos arquivos destes territórios e poderemos todos compartilhar este mundo mágico da nossa infância e constatar que ele, de fato, existiu.

Na Península Ibérica os galegos se definem como herdeiros de uma cultura céltica verificada pela arqueologia, historiografia clássica, literatura e folclore. Em Portugal percebe-se também um movimento que avalia estas heranças hoje com intensa curiosidade. Numa espécie de anti-história portuguesa, os celtas renascem dos castros e do mobiliário arqueológico, movimentando os estudos atlânticos. Estas heranças podem ser comprovadas pela marca de uma civilização céltica em território português, que ganha maior dimensão agora, como resultado da nova arqueologia<sup>4</sup>.

A diferença entre as culturas célticas das ilhas do Atlântico Norte europeu e da Península Ibérica reside no fato de que as primeiras mantiveram suas línguas de origem,

3 Assista ao vídeo: <[http://www.abp-tv.com/index.php?video\\_id=1452](http://www.abp-tv.com/index.php?video_id=1452)>.

4 A propósito das novas pesquisas sobre a *celticidade* da Península Ibérica, ver o volume VI da edição *E-Keltoi – Journal of Interdisciplinary Celtic Studies*, dedicada exclusivamente aos territórios portugueses e galegos e, em especial, o artigo de Teresa Júdice Gamito, *The Celts in Portugal*. cf. <<http://www.uwm.edu/Dept/celtic/ekeltoi/volumes/vol6/index.html>>.

enquanto na Península Ibérica a romanização teve um maior impacto, fazendo desaparecer as línguas indígenas em favor das neolatinas. A situação particular da Península Ibérica como território de entroncamento de várias culturas antigas e, ainda, a situação deste território no final do Império podem ser uma explicação para a efetiva hibridação cultural celto-romana, embora tenham permanecido os substratos célticos, que podem ser observados no galego-português e nos dialetos portugueses. Assim, é necessário levar em consideração que uma investigação diacrônica da língua portuguesa não deve prescindir dos dados contidos no estoque céltico – e diga-se aqui, na passagem, que não se trata nem de um estoque menor, nem apenas medieval, ainda que sejam medievais os testemunhos manuscritos mais antigos. Precisamente, uma das justificativas de gregos e romanos para excluir os Estudos Célticos dos Estudos Clássicos foi a de que estes só podiam ser configurados a partir de um estoque de literatura escrita. Todavia, cabe esperar que acabe surgindo o interesse pela força de um pedaço de Europa que teve, pelo menos, dois mil anos de resistência linguística e cultural, e pelo contundente conjunto dos registros da arqueologia, pela mitologia dos celtas e pela força de suas literaturas.

### **Estudos Célticos e Universidades**

Não se poderia falar, é a nossa convicção, de um programa de mestrado em literatura medieval ocidental sem incluir as matérias célticas. Na década de setenta foi criada no Japão a *Society for Celtic Studies* sediada na *Joshi University of Art and Design*<sup>5</sup>; devido à atual quantidade de centros de estudos célticos espalhados pelo mundo, acreditamos que não tardará muito a se abrir espaço no Brasil para projetos que estejam, de forma direta ou indireta, trazendo para nossa cena cultural esse campo tão desconhecido e, no entanto, tão nosso. E, ainda, arrisco ir mais longe para dizer que não se pode falar em projeto pedagógico em Letras sem uma disciplina de Literatura Medieval que faça algum enfoque sincero no estoque céltico. E sobre os Estudos Antigos insisto em dizer que estudar gregos e romanos sem estudar os celtas deriva em poder contar apenas uma parte de nossa história cultural ocidental.

A filologia, dentro de uma visão clássica, só pode existir com textos escritos. Porém, para os folcloristas, para antropólogos e para os coletores de registros populares, o que não está escrito, mas vivo na memória das gentes e das línguas, é

---

5 cf. <<http://www.celticstudiesjapan.org>>.

tratado como literatura oral, portanto considerado como um *corpus* sensível e em profícuo comércio com a literatura escrita. E esta literatura oral é atemporal – ela recita o antigo, reinventa o medieval e inspira o contemporâneo, num comércio maravilhoso que só os eruditos mal formados não reconhecem. Felizmente esses antigos paradigmas literários já não fazem mais parte de uma investigação científica digna de nosso tempo. Nesse sentido, o grupo de trabalho transnacional *Continuitas* é pioneiro em propor um novo paradigma para os estudos linguísticos e literários através da Teoria da Continuidade Paleolítica<sup>6</sup>. Uma nova abordagem para o indo-europeu já se constituiu, o qual proporciona *a hora da vez* para este imenso panorama linguístico que são as línguas célticas ou *celtoídes* – testemunhos arcaicos de uma Europa indígena.

Esse mundo céltico tão antigo atravessou as eras, se expandiu nas navegações e chega até hoje nas literaturas modernas, de tal forma que podemos sem hesitação nos debruçar sobre a sua memória certos de encontrarmos ecos de nosso próprio passado, da história anônima. Assim, nos deparamos com o nome do nosso imenso território chamado Brasil – nome de origem céltica, guardado nas mais antigas concepções mitológicas dos celtas atlânticos, perpetuado na cartografia medieval e tantas vezes evocado no folclore irlandês<sup>7</sup>; por sua vez, o recentemente criado Instituto Galego de Estudos Celtas testemunha esta nova fase para as identidades culturais ibéricas<sup>8</sup>. Então, sob o ponto de vista dos Estudos Antigos podemos nos deleitar em descobrir o romano-celta ou o celto-romano. Fica a critério de quem preferir um ou outro termo composto. Aliás, termos compostos serão muito comuns nos próximos anos, vista a intensa reconstrução do que desconstruímos até então, as mudanças de paradigmas, as mudanças nas *ciências duras* como também nas *ciências brandas*. Todos nós estamos sendo, de uma forma ou de outra, forçados a reconstruir nosso passado, sob a base daquilo que foi inventado, para alcançar o que desejaremos inventar para o futuro, mas, desta vez, sem histórias *oficiais* e *não-oficiais*.

6 cf. <<http://www.continuitas.org>>.

7 DONNARD, Ana. A ilha Brasil – O Outro Mundo dos Celtas Atlânticos e a mítica Brasil, ilha dos afortunados: primeiras abordagens. Belo Horizonte, *Nuntius Antiquus* n° 3, ago. 2009. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/nuntius/data/arquivos/003.03-Ana14-28.pdf>>.

8 cf. <<http://www.estudosceltas.org>>.